



Museu, imaginação e formação dos sujeitos: a experiência da Pinacoteca do Estado de SP

Mila Milene Chiovatto

Coordenadora da Ação Educativa da Pinacoteca do Estado de São Paulo.

“(...) a memória pertence à mesma parte da alma a que pertence a imaginação”

Aristóteles

As relações entre imaginação, museu e a formação do sujeito são – na prática educativa – tão intrínsecas que foi necessário optar por uma estruturação mais analítica do pensamento para tentar desvendá-las em forma de apresentação e texto.

Desta forma, pareceu conveniente iniciar com uma compreensão mais adensada do que queremos dizer quando falamos de imaginação e como esta pode estar articulada ao conceito de memória.

O conhecimento, para Aristóteles, começa pelas informações que podemos captar pelos sentidos; porém ainda para o filósofo grego, estas informações são transferidos à memória, imaginação ou fantasia, que os agrupa em imagens, segundo suas semelhanças. É a partir destas imagens retidas e organizadas na fantasia, e não diretamente tomadas das informações captados pelos sentidos, ou seja, a partir do real, que a inteligência exercita a reorganização com base nas quais criará os esquemas essenciais, ou



conceitos abstratos das espécies, podendo finalmente construir os juízos e raciocínios.¹

Dois tipos distintos de imaginação são tratados pela tradição filosófica: a primeira como imaginação reprodutora, ou seja, a faculdade mental de evocar, sob a forma de imagens, objetos conhecidos por uma sensação ou experiência anteriores (memória); e a segunda como imaginação produtora, faculdade pela qual a mente cria e recria, ainda que a partir de formas sensíveis e concretas, novas imagens, sínteses originais de imagens, símbolos e poesia.²

Cabe à imaginação, portanto, algumas funções fundamentais ao ser no mundo, a de formar imagens persistentes das coisas, em contraste com as imagens efêmeras da sensação; a de ativar a memória; a de sonhar, quando o espírito, livre das exigências dos estímulos exteriores, pode examinar-se inteiramente por meio das imagens; e ainda a de suscitar e conservar o desejo.³

Assim a imaginação e a memória atuam em consonância na construção do conhecimento e na conseqüente formação do sujeito conhecedor, relação explorada por vários autores, de Aristóteles a Vigotsky. Este último ao pensar sobre a relação entre imaginação e realidade, afirma que “a fantasia não está contraposta à memória, mas nela se apóia e dispõe seus dados em novas combinações”.⁴

¹ <http://www.olavodecarvalho.org/livros/4discursos.htm>.

² <http://consciencia.org/contemporanea/bachelarddisreinerio.shtml>.

³ <http://www.odialetico.hpg.ig.com.br/filosofia/psiconhe.htm>.

⁴ VIGOTSKY, Lev Semenovich. **La imaginación y el arte en la infancia**. 2. ed. Madrid: Akal Bolsillo, 1990



Que seria do ser, do sujeito, então, sem a necessária reordenação do mundo sensível por meio dos atributos da imaginação criadora? Como poderia o sujeito atribuir sentido subjetivo ao mundo, e ao fazê-lo, defini-lo e definir-se?

Não há como se formar sujeito, ou seja, entender a si mesmo e ao mundo (seu entorno) sem a percepção do mundo pelos sentidos e a consequente cadeia de saberes que daí advêm, com as articulações do pensamento e imaginação. Também não há possibilidade de saber-se sujeito sem a capacidade de memória que articula o conhecimento e o tempo.

Portanto, os processos educativos de quaisquer natureza que têm como tarefa contribuir para a formação do sujeito, devem necessariamente contemplar os processos de conhecimento que se compõem, em parte do exercício da imaginação, e em parte do resgate da memória. Tanto mais a educação promovida no museu, espaço tradicionalmente visto apenas como espaço da memória.

Porém é fundamental que as ações desenvolvidas pelo museu, inclusive as educacionais, possam ampliar a percepção desta instituição para um âmbito cada vez mais público e social.

Em verdade, os estatutos do Conselho Internacional de Museus, ICOM, definem museu como uma “instituição sem fins lucrativos, permanente, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, e aberta ao público, que adquire, conserva, pesquisa, divulga e expõe, para fins de estudo, educação e divertimento, testemunhos materiais do povo e de seu ambiente” [grifo nosso].



Para tanto sua “cadeia operatória”, ou seja, maneira de atuar contempla duas grandes vertentes inter-relacionadas, a da salvaguarda e a da comunicação, na qual as ações educativas atuam mais pontualmente. De nada adianta guardar os objetos se a partir deles nada pode ser construído, ou seja, se não é dado a eles a oportunidade de significar, ou por outro lado, se não é dado ao sujeito a oportunidade de significá-lo. É nesta mediação entre o objeto e o público que deve agir a educação não-formal desenvolvida no museu.

As ações educativas desenvolvidas na Pinacoteca do Estado têm uma longa tradição de qualidade, em épocas nas quais seu pioneirismo ajudou a formar contingentes de público frequentador de museu, ao mesmo tempo em que aqui se formavam grandes profissionais em educação não-formal que ora atuam em outras instituições de arte e cultura.

Desta forma, a implantação da atual Ação Educativa, em 2002, partiu da responsabilidade de reconstruir uma atuação potente em educação, tendo como objetivo aprofundar a fruição e a compreensão das obras pertencentes ao rico acervo desta instituição a públicos cada vez mais amplos, variados e frequentes.

A partir de uma pesquisa preliminar que buscou reconhecer o perfil do visitante tanto organizado em grupos quanto espontâneo do museu, percebemos as necessidades educativas para estes públicos, mas principalmente reconhecemos aqueles que não participam deste universo.

É fundamental lembrar que o acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo é público e deve cumprir seu papel de representação cultural dos habitantes do Estado.



Partindo do pressuposto que de que a arte presente nos museus é fruto de uma seleção da cultura material humana, podemos entendê-la como parte do que somos e como reveladora do como somos, transformando-se em valioso instrumento de auto-conhecimento e de conhecimento da sociedade de entorno, podendo contribuir positivamente na formação dos indivíduos.

...é através da musealização de objetos, cenários e paisagens que constituam sinais, imagens e símbolos, que o Museu permite ao Homem a leitura do Mundo.

A grande tarefa do museu contemporâneo é, pois, a de permitir esta clara leitura de modo a aguçar e possibilitar a emergência (onde ela não existir) de uma consciência crítica, de tal sorte que a informação passada pelo museu facilite a ação transformadora do Homem.⁵

Assim, as prioridades da Ação Educativa da Pinacoteca estão voltadas para desenvolver ações educativas a partir das obras do acervo, promover a qualidade da experiência do público no contato com as obras, garantir a ampla acessibilidade ao museu, além de incluir e transformar em frequentes, públicos não habitualmente frequentadores.

Esta série de desafios educativos, em consonância à relevância do acervo a ser tratado, impulsionou a organização de diferentes ações que, embora formuladas como programas autônomos, atuam em sinergia, trocando constantemente experiências sob uma diretriz pedagógica comum.

⁵ GUARNERI, Waldisa Russio Camargo. "Conceito de cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação", in: *Revista do Instituto Brasileiro de Patrimônio Cultural*, n. 3, 1990, p. 8.



O pensamento que articula os diferentes programas educacionais atualmente desenvolvidos parte das propostas filosóficas de John Dewey, buscando uma educação capaz de promover uma experiência significativa no visitante, em seu contato com a obra de arte.

Não se pode acreditar que a tarefa da educação em museus esteja restrita à apresentação institucional das obras ali apresentadas, reduzindo a atuação educativa ao mero caráter informacional, no mais das vezes, imbricado ao discurso oficial que, mais do que explicitar, enaltece os objetos expostos, tornando-os inatingíveis aos públicos menos privilegiados. Cabe à atuação educativa do museu possibilitar oportunidades para que os visitantes exerçam seu papel pleno de fruidores da cultura, da arte e de sua própria história.

Acreditamos, assim, que a atuação educativa realizada em museus deva ser promotora da oportunidade de significação individual e/ou coletiva por parte dos visitantes, aos objetos fruídos.

Desta forma, os programas educativos por nós desenvolvidos atuam por meio de estímulos capazes de estabelecer diálogos com os visitantes, tendo como ponto de partida a percepção, interpretação e compreensão dos mesmos acerca das obras analisadas, para a construção de significados possíveis para as mesmas obras.

A seguir fazemos uma breve explanação de cada um dos programas atualmente desenvolvidos.



Visitas educativas

Visam qualificar a fruição da arte para públicos diferenciados. Embora grande parte do atendimento promovido pelos educadores responsáveis pelas visitas educativas esteja voltado aos públicos escolares de diferentes níveis, estes atendem públicos não escolares, tais como de terceira idade e grupos de famílias, por exemplo.

Construindo percursos educativos a partir da exposição de longa-duração, que apresenta cerca de 1.200 obras do acervo da Pinacoteca, os educadores encontram-se preparados para atender aos interesses dos visitantes, conjungando-os aos potenciais educativos das obras discutidas nestes percursos.

As visitas educativas contam, ainda com propostas poéticas: atividades lúdico-plásticas que visam concretizar, tornando vivenciais, os conteúdos tratados nos âmbitos da percepção e cognição, durante a visita ao acervo.

Formação de professores

Além de encontros preparatórios para professores, modulados para exposições temporárias, para enfatizar as práticas educativas possíveis a partir de obras de nosso acervo desenvolvemos pelo quarto ano consecutivo o *Programa Bem-vindo, professor!*, por meio da parceria entre a Secretaria de Estado da Educação e da Cultura, com suas instituições: FDE – Fundação para o Desenvolvimento da Educação, CENP – Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas e da Pinacoteca.



O *Bem-vindo, professor!* é composto de ações interligadas tais como Encontros de Capacitação para Professores das áreas de Artes, Língua Portuguesa, História e Coordenadores Pedagógicos do Ensino Médio; o Programa Integrado de Visita Museu-Escola, responsável pelo recebimento, no museu, em visitas educativas, dos alunos dos professores em formação, inclusive no período noturno; orientação de projetos interdisciplinares; e elaboração materiais de apoio ao professor e aos alunos, desenvolvidos como forma de aprofundar e perenizar os conhecimentos adquiridos no curso e nas visitas ao acervo.

Programa Educativo Públicos Especiais

Este programa visa garantir a possibilidade de fruição da arte para os portadores de necessidades especiais - sensoriais, físicas ou mentais, por meio de estímulos multissensoriais e lúdicos. Implantado e desenvolvido a partir do apoio da VISA do Brasil e coordenado por Amanda Tojal, o programa desenvolve visitas conduzidas a 42 obras do acervo acessibilizadas: para a implantação e manutenção deste programa foi liberado o toque orientado em esculturas originais selecionadas, sendo que as obras bidimensionais selecionadas foram reinterpretadas em relevos de resina e borracha, possibilitando o toque e a ampliação da percepção sensorial, complementando este material em relevo foram elaborados, a partir das obras, maquetes e jogos sensoriais, constituindo objetos tridimensionais manipuláveis, além de recursos como a sonorização, ampliando a compreensão de conceitos específicos da arte.

Maquetes do prédio e do entorno da Pinacoteca promovem também a compreensão do espaço do museu e localização no espaço expositivo.



A excelência do trabalho desenvolvido possibilitou o desenvolvimento de cursos de capacitação para educadores em educação especial e inclusiva em arte, gerando propostas de mediação inclusiva para diferentes perfis de públicos com necessidades especiais.

Foi também elaborado um folheto para a divulgação do programa, além de um catálogo adaptado em tinta e Braille, como forma de garantir a continuidade dos trabalhos desenvolvidos na Pinacoteca, nas instituições de origem dos grupos de visitantes.

Programa de Inclusão Sociocultural

Busca promover o acesso qualificado aos bens culturais presentes no museu a uma parcela da população desprovida tanto do contato com instituições culturais, quanto de oportunidades educacionais. Busca, ainda, contribuir para a formação de novos públicos e atuar como catalisador de transformações sociais qualitativas em esfera coletiva ou individual.

Estão envolvidos, também, nas ações desenvolvidas por este programa a ampliação do repertório e as noções de pertencimento cultural dos participantes; o desenvolvimento de sua percepção estética, subsídio para suas criações e para o fortalecimento de sua consciência crítica; a promoção de oportunidades de diálogo que estimulem a autoconfiança e a construção de capacidades (aquisição e manejo de conhecimentos e habilidades cognitivas, emocionais ou vivenciais).

Este programa atua por meio de parcerias com instituições públicas ou privadas que possuem objetivos afins, promovendo atendimentos a grupos, com visitas modeladas segundo cada demanda e perfil, com constante acompanhamento dos resultados em busca dos objetivos particulares de cada



parceria. Desta forma, se constitui num verdadeiro laboratório de educação em museus, demonstrando o potencial inclusivo gerado pelas ações educativas não-formais.

Por meio do apoio do IMPAES – Instituto Minidi Pedroso de Arte e Educação Social, este programa, coordenado por Gabriela Aidar, também desenvolve cursos de capacitação a educadores sociais e atualmente elabora o primeiro material de apoio a educadores sociais, enfatizando a pertinência dos conceitos de patrimônio e arte nos processos de inclusão sociocultural.

Consciência funcional

Para estabelecer diálogo constante com os funcionários de diferentes instâncias do museu, a fim de ampliar sua percepção acerca dos diferenciais do trabalho em uma instituição cultural pública, vem sendo desenvolvido o programa de consciência funcional, coordenado por Maria Stella Silva.

Os encontros para troca de experiências, as atividades lúdico-educativas, os informativos distribuídos aos funcionários, além das visitas a exposições do museu e a outras instituições, promovem o adensamento da noção do trabalho prestado em instituições culturais.

Materiais e recursos de mediação

Elaborados para obras do acervo e para exposições temporárias, estes produtos buscam tornar mais acessíveis as obras apresentadas no museu, bem como conduzir uma fruição educativa das mesmas a públicos diferenciados.



Assim, além de materiais produzidos para os professores, especialmente voltados para o uso pedagógico das imagens das obras selecionadas para este fim, também são elaborados, em linguagem acessível, textos e materiais para públicos espontâneos, incentivando a fruição autônoma do público.

Conclusão

Os esforços educativos atualmente desenvolvidos pela Ação Educativa da Pinacoteca do Estado de São Paulo demonstram que passos fundamentais já foram dados no sentido de fazer cumprir as missões que nos propusemos desde nossa implantação, no ano de 2002. As tarefas de continuar e resgatar as importantes iniciativas que tantos educadores antes de nós – que com seu pioneirismo – fizeram acontecer em museus brasileiros, nos estimula a prosseguir, reconhecendo que muito ainda há a ser construído na percepção de que, como diz Jorge Larrosa: “Talvez a arte da educação não seja outra senão a arte de fazer com que cada um torne-se em si mesmo, até sua própria altura, até o melhor de suas possibilidades.”